



## Formação ou créditos, créditos ou formação?

Por Armando Marques, vice-presidente da Direcção da CTOC

*A escuridão envolve-nos a todos mas, enquanto o sábio tropeça numa parede, o ignorante permanece tranquilo no meio da sala*

Anatole France

**R**ecorrentemente temos incentivado os membros da nossa Instituição no sentido de produzirem trabalhos de elevada qualidade técnica, porquanto está em causa a imagem de uma profissão, mais ainda quando se trata de profissionais que prestam serviços considerados de interesse público.

São as demonstrações financeiras produzidas pelos Técnicos Oficiais de Contas lidas e analisadas por todos os utilizadores interessados, pelo que devem obedecer a um rigor absoluto e a uma verdade que não possa ser posta em causa, sob pena da sua inutilidade.

Não restam dúvidas que «qualidade» arrasta consigo uma necessidade permanente de saber, uma obrigação diária de estudar, um desafio constante na formação, porque indispensável aos profissionais.

Mas quando olhamos a realidade de muitos colegas, cedo nos apercebemos que relegam para segundo plano tudo quanto seja formação, preferindo viver na ignorância, leia-se continuar a prestar serviços de qualidade duvidosa. Ou, então, dizem presente nas acções de formação e eis que regressam aos seus tranquilos lares, pantufas nos pés e que seja o que Deus quiser...

Encaram a formação como uma obrigatoriedade para cumprir com o Regulamento do Controlo de Qualidade/Atribuição de Créditos e, insensatamente, não se apercebem das consequências que daí advêm.

Pretendem provocar os colegas assíduos nas acções de formação, tal como muitos contribuintes incumpridores o fazem perante aqueles que cumprem com os seus deveres, ou seja, apelidam de ignorantes aqueles que não possuem um rasgo de inteligência para se credenciar na formação e de seguida abandonar a sala, pois ninguém deu conta...

Mas a ignorância paga-se caro!

Quando analisamos o conteúdo das reclamações que diariamente são remetidas à Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas por clientes e/ou entidades patronais de alguns dos nossos colegas, verificamos que uma significativa percentagem se deve à falta de rigor técnico, à ignorância da legislação, à ausência de ética...

Após verificação do cadastro, conclui-se que se trata, maioritariamente, de membros que não frequentam acções de formação e que por certo dizem tudo saber e nada necessitam de aprender!

Em nossa opinião, o profissional deve sentir a necessidade de se actualizar permanentemente face às mutações constantes que se verificam no dia-a-dia e aos desafios futuros, que já os são hoje. Contudo, colegas existem que só pretendem obter os créditos, como que se a formação fosse uma obrigatoriedade.

Se queremos, de facto, pertencer a uma classe de profissionais que tudo aposta na qualidade, é urgente mudar de mentalidade! Caso contrário, estamos ante uma actividade que não teria razão para existir. Curiosos já temos em demasia neste pequeno grande País. ■